

Universitários e o Uso do Preservativo como Método de Prevenção das Infecções Sexualmente Transmissíveis

University Students and the Use of Condom as a Method to Prevent Sexually Transmitted Infections

Estudiantes Universitarios y el Uso del Preservativo como Método para Prevenir las Infecciones de Transmisión Sexual

Anderson da Silva Moreira¹

Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

Julya Thereza dos Santos Paixão

Géssyca Cavalcante de Melo

Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL)

Resumo

Introdução: O objetivo deste estudo foi analisar o conhecimento, a atitude e a prática dos universitários da área da saúde que já tiveram relações sexuais, sobre o uso do preservativo como método de prevenção das infecções sexualmente transmissíveis (IST). Metodologia: Estudo descritivo do tipo inquérito sobre Conhecimento, Atitude e Prática, com delineamento transversal e abordagem quantitativa. Foi executada em formato on-line, cujas informações foram obtidas por meio da aplicação de um questionário durante o período de setembro a dezembro de 2021. A análise de dados foi realizada por meio dos *softwares* JASP 0.9.1.0 e BioEstat 5.0. Resultados: Dos 162 participantes, 64.8% possuíam conhecimento adequado; 52.5%, atitude adequada; e 98.1%, prática inadequada em relação à prevenção. O conhecimento esteve associado com a religião ($p=0.015$), frequência de realização de testes rápidos ($p=0.016$) e diagnóstico prévio de IST ($p=0.029$); a atitude esteve associada com a renda familiar ($p=0.027$), procedência ($p=0.017$) e sexo ($p=0.000$); houve associação da prática com o relacionamento ($p=0.040$). Discussão: O acesso apropriado a meios de prevenção e de informações favorece melhores atitudes e práticas em relação ao uso dos preservativos. Conclusão: Os universitários podem estar vulneráveis às IST, sendo importante ações educativas voltadas à adesão do preservativo.

Palavras-chave: estudantes de ciências da saúde, conhecimentos, atitudes e prática em saúde, saúde sexual, infecções sexualmente transmissíveis, preservativos

Abstract

Introduction: The aim of this study was to analyze the knowledge, attitude, and practice of university students in the health area who have already had sexual intercourse about condom use as a preventing sexually transmitted infections (STIs) method. Methodology: Descriptive survey-type study on Knowledge, Attitude, and Practice, with a cross-sectional design and a quantitative approach. It was performed in an online format, whose information was obtained through the application of a questionnaire during the period from September to December 2021. Data analysis was performed using the JASP 0.9.1.0 and BioEstat 5.0 software. Results: Of the 162 participants, 64.8% had adequate knowledge, 52.5% had an adequate attitude, and 98.1% had inadequate practice in relation to prevention. Knowledge was associated with religion ($p=0.015$), frequency of performing rapid tests ($p=0.016$), and previous diagnosis of STI ($p=0.029$); attitude was associated with family income ($p=0.027$), origin ($p=0.017$), and gender ($p=0.000$); there was an association between practice and relationship ($p=0.040$). Discussion: Appropriate access to means of prevention and information favors better attitudes and practices in relation to the use of condoms. Conclusion: University students may be vulnerable to STIs, and educational actions aimed at condom adherence are important.

Keywords: health sciences students, knowledges, attitudes and practice in health, sexual health, sexually transmitted infections, condoms

Resumen

Introducción: El objetivo de este estudio fue analizar el conocimiento, la actitud y la práctica de estudiantes universitarios del área de la salud que ya han tenido relaciones sexuales, sobre el uso del preservativo como

¹ Endereço de contato: Avenida Santa Cruz, 889, Centro, Taquarana, CEP: 5764-0000. Telefone: (82) 98113-4306. E-mail: anderson.moreira@eenf.ufal.br

método de prevención de infecciones de transmisión sexual (ITS). Metodología: Estudio descriptivo tipo encuesta sobre Conocimientos, Actitudes y Prácticas, con diseño transversal y enfoque cuantitativo. Se realizó en formato online, cuya información se obtuvo mediante la aplicación de un cuestionario durante el período de septiembre a diciembre de 2021. El análisis de datos se realizó mediante el *software* JASP 0.9.1.0 y BioEstat 5.0. Resultados: De los 162 participantes, el 64.8% tenía un conocimiento adecuado, el 52.5% tenía una actitud adecuada y el 98.1% tenía una práctica inadecuada en relación a la prevención. El conocimiento se asoció con la religión ($p=0.015$), frecuencia de realización de pruebas rápidas ($p=0.016$) y diagnóstico previo de ITS ($p=0.029$); la actitud se asoció con el ingreso familiar ($p=0.027$), el origen ($p=0.017$) y el género ($p=0.000$); hubo asociación entre práctica y relación ($p=0.040$). Discusión: El acceso adecuado a medios de prevención e información favorece mejores actitudes y prácticas en relación al uso del preservativo. Conclusión: Los estudiantes universitarios pueden ser vulnerables a las ITS y las acciones educativas dirigidas a la adherencia al preservativo son importantes.

Palabras clave: estudiantes del área de la salud, conocimientos, actitudes y práctica en salud, salud sexual, infecciones de transmisión sexual, condones

Introdução

Os preservativos estão no centro de uma abordagem de prevenção combinada ao vírus da imunodeficiência humana (HIV). Constituem uma ferramenta com boa relação custo-benefício, visto que funcionam na prevenção de outras infecções sexualmente transmissíveis (IST) e evitam a gravidez indesejada e não planejada (Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS [Unaid], 2016). A prevenção combinada utiliza diferentes abordagens de prevenção (biomédica, comportamental e socioestrutural) aplicadas em múltiplos níveis (individual, nas parcerias/relacionamentos, comunitário e social) (Ministério da Saúde, 2020a).

A maioria dos preservativos são feitos de látex e estão disponíveis em grande variedade de tamanhos, formas, cores e texturas. Eles devem ser usados corretamente, em todas as relações sexuais (sexo oral, vaginal e anal), para serem altamente eficazes. Sua eficácia também depende do uso correto, da motivação das pessoas em usá-los a cada relação, do tempo de experiência com o método e da qualidade do produto, que pode ser afetada pelo armazenamento inadequado, principalmente pelo usuário (Ministério da Saúde, 2018).

O uso ou não do preservativo está associado com a construção sócio-histórica, econômica, cultural e relacional das pessoas. A vulnerabilidade às IST pode ter caráter individual, social e programático, que integra crenças, desejos, conhecimentos e comportamentos (âmbito individual); valores morais e contextos de vida (âmbito social); cultura, educação e acesso à saúde (âmbito programático) (Nunes et al., 2017).

No mundo, em 2020, estimou-se que 1,5 milhão de adultos (15 anos ou mais) foram infectados pelo HIV (Unaid, 2021). Em um ano, aproximadamente 376 milhões de pessoas entre 15 e 49 anos adquiriram clamídia, gonorreia, sífilis ou tricomoníase (Rowley et al., 2019). No Brasil, de 2007 até junho de 2020, foram notificados 342.459 casos de infecção pelo HIV, tendo a categoria de exposição sexual predominante como via de transmissão, que correspondeu a 82.9% das notificações (Ministério da Saúde, 2020b).

Nesse contexto, destaca-se que os universitários configuram uma população vulnerável às IST. O ingresso no ensino superior promove experiências diversas, como maior autonomia, construção de novos vínculos e sensação de liberdade. Além disso, a rotina sobrecarregada de estudos incide em uma necessidade de buscar diversão, amizades e formas de aliviar a tensão (Spindola et al., 2020).

Há também estudantes que saem de suas cidades para estudar em outros municípios, passando a morar sozinhos e a adotar novos hábitos (Moreira et al., 2018). Esses cenários

podem potencializar a vivência de comportamentos de risco, com ênfase para o consumo de substâncias psicoativas e relações sexuais desprotegidas (Fonte et al., 2018).

O conhecimento dos diferentes aspectos que influenciam ou não o uso de preservativos por universitários favorece o desenvolvimento de estratégias multidisciplinares e integradas, envolvendo atividades de sensibilização sobre a importância do uso, criação de materiais educativos, orientações assertivas, diminuição da estigmatização social e das desigualdades em saúde, e oferta de insumos de prevenção.

Diante do exposto, o estudo tem como objetivo analisar o conhecimento, a atitude e a prática dos universitários da área da saúde que já tiveram relações sexuais, sobre o uso do preservativo como método de prevenção das IST.

Metodologia

Trata-se de um estudo descritivo do tipo inquérito sobre Conhecimento, Atitude e Prática (CAP), com delineamento transversal e abordagem quantitativa. O conceito “conhecimento” está relacionado com a capacidade de perceber, adquirir e reter informações a serem utilizadas. Já a terminologia “atitude” alude à conduta, comportamento para reagir a certas situações. A “prática” seria a aplicação de regras e conhecimentos que levam à tomada de decisões e à execução de ações (Chariglione, 2020).

O cenário da pesquisa foi uma universidade pública da área da saúde, localizada no estado de Alagoas, Brasil. A coleta de dados aconteceu de forma on-line, durante o período de setembro a dezembro de 2021, por meio do link de acesso ao Google Forms enviado aos e-mails institucionais dos universitários.

Os critérios de inclusão foram: estudantes dos cursos bacharelados presenciais, com idade igual ou superior a 18 anos, matriculados no primeiro semestre letivo de 2021 e que não estavam em estágio obrigatório e/ou no último ano do curso. Já os critérios de exclusão foram: acadêmicos que ainda não tiveram relações sexuais e/ou que trancaram o curso de graduação durante o período de coleta de dados.

No total, segundo os dados fornecidos, a população de acadêmicos que se enquadraram nos critérios de inclusão correspondia a 677 universitários. Foi realizado o cálculo amostral com nível de confiança de 95% e um erro amostral de 5%, o que resultou em uma amostra representativa de 246 participantes. Entretanto, apenas 219 universitários aceitaram participar da investigação e atenderam aos critérios estabelecidos. Desses, ainda, foram excluídas 57 respostas, dos estudantes que ainda não tiveram relações sexuais, resultando em uma amostra final de 162 universitários.

O instrumento de coleta de dados consistiu em um formulário eletrônico dividido em 3 partes, a saber: 1) informações sociodemográficas e sexuais, 2) acesso aos preservativos, 3) conhecimento, atitude e prática diante do uso do preservativo como método de prevenção das IST.

As perguntas sobre os aspectos sociodemográficos, sexuais e acesso a preservativos foram baseadas nos questionários utilizados pelo Ministério da Saúde (2016), sendo adaptadas ao contexto e à população da investigação, a saber: sexo de nascimento, identidade de gênero, orientação sexual, faixa etária, religião, curso de graduação, cor, renda familiar, procedência, relacionamento atual, se utilizou preservativo na primeira relação, idade da

primeira prática sexual, se já foi diagnosticado com alguma IST, frequência de realização de testes rápidos, se já recebeu preservativos gratuitos na universidade ou nos serviços públicos de saúde, onde costuma adquirir preservativos e as razões para não utilizar os que são disponibilizados gratuitamente.

Já em relação ao inquérito CAP, no que se refere ao conhecimento, foram abordadas questões sobre a camisinha externa (masculina), de como usar, quais os cuidados e o que não se deve fazer, utilizando o instrumento de Molina et al. (2015). Para melhor compreensão da temática, foram adicionadas perguntas elaboradas pelos autores, sendo as seguintes: se é importante o uso do preservativo no sexo oral, a importância da troca do método entre as penetrações (oral, vaginal e anal), se guardar o preservativo na carteira pode danificá-lo, a utilização em brinquedos sexuais e com quem é importante sua utilização.

Acerca da atitude e prática sobre o uso de preservativos, foi aplicado o questionário de Andrade (2014). Nas perguntas que se referem à atitude, os participantes foram questionados sobre a confiabilidade e a necessidade do uso de preservativos no sexo oral, vaginal e anal. No tocante à prática, foi elencado se já tiveram relação sexual com preservativo, frequência e quais os motivos para o uso ou não. Ainda, foram adicionadas duas perguntas elaboradas pelos autores: uma sobre as razões para a utilização da camisinha e outra sobre o sexo associado ao consumo de álcool e/ou a drogas ilícitas.

No que se refere aos procedimentos de coleta de dados, foi realizado um teste piloto com 25 participantes (10% da amostra). Após ajustes, foi iniciada a coleta de dados, por meio dos e-mails dos estudantes, que foram disponibilizados pelas coordenações dos cursos. Para divulgar a investigação e favorecer a participação dos universitários, foi utilizado o modelo de amostragem em bola de neve de Vinuto (2014), da seguinte forma: os pesquisadores entravam em contato com os estudantes do seu convívio e com os representantes de cada turma, e estes eram nomeados como sementes. As sementes participavam divulgando a investigação com os acadêmicos que conheciam, orientando, se possível, que eles compartilhassem com colegas de turma e assim sucessivamente.

Os dados foram tabulados e armazenados em planilha construída no *software* Excel®. A análise descritiva foi realizada para os aspectos sociodemográficos e sexuais, acesso aos preservativos, motivos para o (não) uso e ao inquérito CAP, cujas respostas foram classificadas em: conhecimento (adequado ou inadequado), atitude e prática (adequada ou inadequada).

Para análise do CAP, no que se refere ao conhecimento, foi utilizado o modelo de avaliação de Figueirêdo (2009), sendo considerado conhecimento adequado quando houve uma frequência de respostas certas igual ou maior que 75%, ou seja, pelo menos 12 questões corretas do total de 16. Em relação à atitude e prática, foi utilizado o modelo de Andrade (2014), sendo a atitude considerada adequada quando os participantes referiram que é sempre necessário o uso do preservativo e que a camisinha é confiável. Eram classificados com prática adequada aqueles que utilizaram sempre o preservativo, desde o início ao fim das práticas sexuais, como também aqueles que não praticaram sexo sem camisinha influenciado pelo consumo de álcool e/ou drogas ilícitas.

Foi utilizado o teste Qui-Quadrado de Pearson, o teste Exato de Fisher e o teste-G (Williams) para análise de associação entre as variáveis sociodemográficas e sexuais com o inquérito CAP, assim como do conhecimento com a atitude e a prática. Nos casos em que houve associação significativa, foi calculado o Odds Ratio e realizada análise dos resíduos

do Qui-Quadrado. Para todas as análises, foi considerado um nível de significância de 95% ($p < 0.05$).

Este trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL), com o número do parecer: 4.854.621.

Resultados

Dos 162 participantes, a maioria encontrava-se na faixa etária entre 18 e 21 anos (61.7%), era do curso de Enfermagem (32.7%), cursava o primeiro ano de graduação (38.3%), era de cor branca (46.9%), com renda familiar entre 1.100,00 e 2.200,00 reais (32.7%) e procediam da capital (56.2%). Quarenta e dois por cento dos universitários eram católicos, do sexo feminino (75.9%), cisgêneros (98.2%), heterossexuais (75.3%), estavam namorando (48.8%), utilizaram o preservativo na primeira relação sexual (63.0%), tendo ela acontecido com idade entre 15 e 18 anos (62.3%), nunca realizaram testes rápidos (47.5%) e não receberam diagnóstico prévio de alguma IST (74.7%).

Entre os 162 (100.0%) participantes, 64.8% possuíam conhecimento adequado sobre o uso do preservativo como prevenção de IST, sendo a média e mediana de respostas corretas de 13 e 12.2 pontos, respectivamente. Em relação à atitude, 52.5% tinham conduta adequada; apenas três universitários possuíam prática adequada. Houve associação estatística entre o conhecimento adequado e a atitude adequada ($p = 0.022$; $OR = 2.13$; $IC\ 95\% = 1.10-4.11$) (Tabela 1).

Tabela 1

Associação entre o Conhecimento dos Universitários com a Atitude e Prática sobre o Uso do Preservativo como Prevenção de IST (n = 162). Alagoas, Brasil, 2021

	Atitude			Prática			
	A*	I*	Total (100%)	A	I	Total (100%)	
n (%)	n (%)	n (%)		n (%)	n (%)		
Conhecimento	0.022*						1.000*
Adequado	62 (59.0)	43 (41.0)	105	2 (2.8)	103 (98.1)	105	
Inadequado	23 (40.3)	34 (59.7)	57	1 (1.8)	56 (98.2)	57	
Total			162			162	

Nota. *A = Adequado; *I = Inadequado; * = Qui-Quadrado de Pearson; * = Exato de Fisher.

A Tabela 2 apresenta, de forma detalhada, a classificação do inquérito CAP (adequada ou inadequada), de acordo com aspectos sociodemográficos e sexuais dos participantes. O conhecimento inadequado sobre o uso do preservativo esteve associado à religião cristã ($p = 0.015$; $OR = 0.42$; $IC\ 95\% = 0.21-0.85$), ao fato de nunca terem sido realizados testes rápidos ($p = 0.016$; $OR = 2.22$; $IC\ 95\% = 1.14-4.32$) e ao diagnóstico prévio de alguma IST ($p = 0.029$).

Houve associação entre a atitude adequada com a renda familiar superior a 3.301 reais ($p = 0.027$), com a procedência ($p = 0.017$; $OR = 0.46$; $IC\ 95\% = 0.24-0.87$) e com os participantes do sexo feminino ($p = 0.000$; $OR = 0.10$; $IC\ 95\% = 0.04-0.20$). Já a atitude inadequada esteve associada com os estudantes que moravam na capital e com os do sexo masculino. A prática associou-se com o relacionamento ($p = 0.040$), estando a prática inadequada especialmente relacionada aos jovens que possuíam parceria sexual estável.

Tabela 2

Associação dos Aspectos Sociodemográficos e Sexuais dos Universitários com o Inquérito CAP (n = 162). Alagoas, Brasil, 2021

	Conhecimento			Atitude			Prática		
	A*	I*		A	I		A	I	
	n (%)	n (%)		n (%)	n (%)		n (%)	n (%)	
Faixa etária (anos)			0.281 ^a			0.620 ^a			0.286 ^b
18 a 21	68 (68.0)	32 (32.0)		54 (54.0)	46 (46.0)		3 (3.0)	97 (97.0)	
22 anos ou mais	37 (59.7)	25 (40.3)		31 (50.0)	31 (50.0)		0 (0.0)	62 (100.0)	
Curso			0.459^c			0.135^c			0.680^b
Enfermagem	37 (69.8)	16 (30.2)		25 (47.2)	28 (52.8)		1 (1.9)	52 (98.1)	
Terapia Ocupacional	9 (50.0)	9 (50.0)		5 (27.7)	13 (72.3)		1 (5.5)	17 (94.5)	
Fisioterapia	19 (57.6)	14 (42.4)		19 (57.6)	14 (42.4)		1 (3.0)	32 (97.0)	
Fonoaudiologia	14 (66.7)	7 (33.3)		12 (57.1)	9 (42.9)		0 (0.0)	21 (100.0)	
Medicina	25 (71.4)	10 (28.6)		22 (62.8)	13 (37.2)		0 (0.0)	35 (100.0)	
Ano de curso			0.518^a			0.481^a			1.000^b
1 ou 2	64 (62.7)	38 (37.3)		56 (54.9)	46 (45.1)		2 (2.0)	100 (98.0)	
3 ou 4	40 (67.8)	19 (32.2)		29 (49.1)	30 (50.9)		1 (1.7)	58 (98.3)	
Cor			0.718 ^a			0.722 ^a			0.602 ^b
Branca	48 (63.2)	28 (36.8)		39 (51.3)	37 (48.7)		2 (2.6)	74 (97.4)	
Preta/parda	56 (65.9)	29 (34.1)		46 (54.1)	39 (45.9)		1 (1.2)	84 (98.8)	
Renda familiar (em real)			0.321^c			0.027^c			0.403^b
Menos de 1.100,00	10 (52.6)	9 (47.4)		7 (36.8)	12 (63.2)		0 (0.0)	19 (100.0)	
De 1.100,00 até 3.300,00	47 (61.0)	30 (39.0)		36 (46.7)	41 (53.3)		2 (2.6)	75 (97.4)	
Mais de 3.301,00	38 (70.4)	16 (29.6)		36 (66.7)	18 (33.3)		0 (0.0)	54 (100.0)	
Procedência			0.581^a			0.017^a			0.258^b
Capital	61 (67.0)	30 (33.0)		40 (44.0)	51 (56.0)		3 (3.3)	88 (96.7)	
Interior/outra	44 (62.8)	26 (37.2)		44 (62.8)	26 (37.2)		0 (0.0)	70 (100.0)	
Religião			0.015^a			0.505^a			1.000^b
Cristã	52 (56.5)	40 (43.5)		46 (50.0)	46 (50.0)		2 (2.2)	90 (97.8)	
Não cristã/não possui	49 (75.4)	16 (24.6)		36 (55.4)	29 (44.6)		1 (1.5)	64 (98.5)	

Sexo	0.622 ^a	0.000 ^a	0.579 ^b
Masculino	24 (61.5)	15 (38.5)	19 (25.0)
Feminino	81 (65.9)	42 (34.1)	66 (76.7)
Gênero	103 (64.7)	56 (35.2)	84 (52.8)
Cis	1 (50.0)	1 (50.0)	0 (0)
Trans/não binário	80 (65.6)	42 (34.4)	63 (51.6)
Heterossexual	25 (62.5)	15 (37.5)	22 (55.0)
Outra	32 (58.2)	23 (41.8)	32 (58.2)
Solteiro(a)	70 (68.0)	33 (32.0)	52 (50.5)
Parceria estável	65 (63.7)	37 (36.3)	58 (56.9)
Não/Não lembro	40 (66.7)	20 (33.3)	27 (45.0)
Idade da PRS ^d (anos)	17 (81.0)	4 (19.0)	7 (33.3)
Inferior a 15	88 (62.4)	53 (37.6)	78 (55.3)
Acima de 15	62 (73.8)	22 (26.2)	45 (53.6)
Já fez testes rápidos ^e	43 (55.8)	34 (44.2)	40 (51.9)
Sim	3 (27.3)	8 (72.7)	7 (63.6)
Não	82 (67.8)	39 (32.2)	63 (52.0)
Outra ^f	20 (69.0)	9 (31.0)	14 (48.3)
Total	105	57	85
			77
			3
			159
			0.227 ^b
			0.711 ^a
			0.575 ^b
			0.040 ^b
			0.355 ^a
			0.144 ^a
			0.296 ^a
			0.059 ^b
			0.340
			0.836 ^a
			0.690 ^c
			0.576 ^c

Nota. Foram excluídas as respostas “não desejo responder” para a análise estatística. *A = Adequado; † = Inadequado; † = Qui-Quadrado de Pearson; ^b = Exato de Fisher; ^c = Teste-G (Williams); ^d = PRS: Primeira Relação Sexual; ^e = Para sífilis, HIV e hepatite B e C; ^f = Nunca foi diagnosticado(a), mas já teve corrimento, coceira, ardência ou feridas nos órgãos sexuais.

No que se refere ao acesso aos preservativos, 52.5% descreveram que nunca retiraram camisinha na universidade ou nos serviços de saúde; 63.0% costumavam adquirir em farmácias privadas e 53.1% referiram não possuir preservativo consigo ou em casa. Entre as principais razões para não adquirir os que são distribuídos gratuitamente, os seguintes motivos se sobressaíram: vergonha (28.0%), falta de interesse (24.7%), receio de que as pessoas comentariam negativamente (17.9%) e por não gostar (23.5%).

No que se refere às razões para o uso, podem-se citar as seguintes: para evitar IST (79.0%) e o HIV (62.3%), para prevenir gravidez (85.2%), porque achavam importante utilizar (66.7%), era considerado mais higiênico (26.5%), de baixo custo, podendo ser adquirido de graça (24.1%).

Em relação aos motivos para o não uso, já deixaram de utilizar por: possuir parceria fixa (55.6%), confiar na parceria sexual (53.1%), não dispor no momento (28.4%), por usar ou a parceira utilizar anticoncepcional (29.6%) e por não lembrar de colocar ou não ter pensado no momento da relação sexual (23.5%). Outras informações sobre os motivos para o uso ou não podem ser visualizadas na Tabela 3.

Tabela 3

Descrição dos Motivos para o Uso e Não Uso dos Preservativos nas Práticas Sexuais pelos Universitários (n = 162). Alagoas, Brasil, 2021

Variáveis	n	%
Já usou alguma vez pelos seguintes motivos*		
Porque eu gosto	14	8.6
Para evitar IST	128	79.0
Para evitar o HIV	101	62.3
Para evitar gravidez	138	85.2
Porque o(a) parceiro(a) exigiu	5	3.1
Porque é fácil de usar	18	11.1
Porque é importante usar	108	66.7
Porque é barata e posso adquirir de graça	39	24.1
Porque dizem que é bom usar	13	8.0
Porque é mais limpo (higiênico)	43	26.5
Outros	6	3.8
Deixou de usar alguma vez pelos seguintes motivos*		
Parceiro(a) fixo(a)	90	55.6
Confiança no(a) parceiro(a)	86	53.1
Eu não gosto	23	14.2
Não lembrei de colocar/não pensei	38	23.5
Não tinha no momento	46	28.4
Diminui o prazer	25	15.4
Falta de interesse	13	8.0
É desconfortável/incomoda	17	10.5
Uso/minha parceira usa anticoncepcional	48	29.6
Sempre usei	18	11.1
Outros	22	14.2
Total	162	100.0

Nota. *Variável de múltipla escolha (casos válidos: 162).

Discussão

Os resultados deste estudo demonstraram que diferentes fatores podem tornar os universitários mais suscetíveis às IST, o que repercute no conhecimento, na atitude e na prática diante do uso do preservativo. A respeito da caracterização da amostra, identificou-se o predomínio de participantes com faixa etária de 18 a 21 anos, o que já foi constatado em outros estudos com jovens universitários (Fonte et al., 2018; Ramos et al., 2020).

Sabe-se que a transição do ensino médio para o superior proporciona significativas mudanças na vida do estudante, sobretudo, nos períodos iniciais do curso. Nesse processo de amadurecimento, o comportamento do universitário pode ter influência dos componentes biológicos, culturais e psicológicos, o que influencia em suas condutas de saúde (Gouveia et al., 2021).

Outros aspectos sociais, como ser do sexo feminino e cor branca, foram encontrados nesta investigação. Pesquisa realizada com 768 universitários de uma instituição de ensino do Rio de Janeiro observou um perfil semelhante (Fonte et al., 2018). A identificação das características de um segmento possibilita a construção de estratégias de cuidado direcionadas e resolutivas diante das necessidades de saúde.

A construção histórica da sociedade vislumbra uma relação social de gênero ao poder, desvalorizando as mulheres. Por exemplo, tanto na Grécia como na Roma, existia uma repressão da sexualidade. Aos homens era dada a escolha de busca de experiências sexuais, enquanto as suas esposas ficavam em seus lares, quase como prisioneiras dos afazeres domésticos e cuidados com os filhos (Rodrigues, 2017).

Essas questões de gênero podem contribuir para o não uso de preservativos. A exemplo das relações heterossexuais, a decisão pelo seu uso, muitas vezes, cabe ao homem, repercutindo de maneira negativa na autonomia e nos direitos reprodutivos e sexuais das mulheres (Barbosa et al., 2019; Faustino; D’Affonseca, 2021).

Em relação às questões sexuais, a maioria dos participantes teve a sexarca até os dezoito anos. O início precoce da vida sexual pode estar associado à adoção de comportamentos de risco, como uso inadequado de métodos contraceptivos e dificuldade em negociar o uso do preservativo, intensificando a vulnerabilidade às IST e à gravidez não planejada (Maranhão et al., 2017).

Percebem-se ainda os desafios em abordar a temática de sexualidade na adolescência, apesar de boa parte da atividade sexual ser iniciada neste período. Um estudo realizado na região nordeste evidenciou que a maioria dos pais não se considerava preparada para conversar sobre questões sexuais com os filhos, incumbindo essa função à escola ou a profissionais de saúde (Nery et al., 2015).

No que concerne à orientação sexual, é sabido que ainda existem preconceitos relacionados à temática, o que potencializa a não busca de serviços de prevenção e promoção à saúde. E no contexto do HIV/aids, os homossexuais, principalmente os do sexo masculino, ainda carregam a representação social de vilões e vítimas dessa doença, o que favorece o estigma e a discriminação (Oliveira et al., 2017).

Verificou-se associação entre o conhecimento e a atitude adequada dos universitários. A compreensão de aspectos como transmissão, sinais, sintomas e prevenção às IST pode auxiliar na adoção de atitudes positivas em seus relacionamentos, sobretudo, no uso correto do preservativo (Melo et al., 2021).

No entanto, apesar do acesso ao conhecimento e da atitude adequada, os universitários ainda assumem diferentes comportamentos de risco. Fatores como baixa percepção da vulnerabilidade à IST, multiplicidade de parceiros, uso inconsistente do preservativo e utilização de álcool e outras drogas intensificam as chances de práticas sexuais inadequadas (Spindola et al., 2020).

Uma pesquisa conduzida com 1.547 universitários de uma instituição da região Sul concluiu que 232 dos participantes consumiram algum tipo de bebida alcoólica antes das relações sexuais e 41 utilizaram drogas ilícitas. Ademais, o aumento da frequência do consumo de álcool foi associado ao comportamento sexual de risco (Gräf et al., 2020).

Neste estudo, o conhecimento inadequado esteve associado à religião. A crença religiosa pode postergar o início da vida sexual dos jovens e contribuir para a abstinência sexual, porém, por vezes, pode desencorajar o uso do preservativo (Gräf et al., 2020). Desse modo, o acesso às informações contraditórias ou incipientes sobre práticas sexuais seguras aumentam a vulnerabilidade dessa população às IST (Couto et al., 2017).

Verificou-se associação entre o conhecimento adequado e a realização dos testes rápidos. Esse aspecto mostra-se importante, visto que o momento da testagem possibilita um espaço de ensino-aprendizagem referente às questões sexuais, incentivo ao autocuidado, além da detecção precoce e tratamento oportuno das IST (Lima et al., 2022).

É no aconselhamento pós-teste que o profissional de saúde deve reafirmar o sigilo do resultado do exame, esclarecer o conceito de janela imunológica e apresentar as estratégias de prevenção combinada, proporcionando informações para o usuário refletir suas práticas. Além disso, é fundamental orientar e incentivar o uso adequado dos preservativos (Ministério da Saúde, 2017).

Deve-se considerar que a frequência do rastreamento para sífilis e HIV é estabelecida de acordo com a população. Os indivíduos com idade menor ou igual a trinta anos devem realizar a testagem anualmente, enquanto gays, homens que fazem sexo com homens, travestis e profissionais do sexo são testados a cada seis meses (Ministério da Saúde, 2020a).

Identificou-se associação entre conhecimento inadequado e diagnóstico de IST. Sabe-se que os preservativos constituem o principal método de prevenção de IST e devem ser utilizados em todas as relações sexuais (Ministério da Saúde, 2020a). Porém, orientações superficiais sobre seu uso intensificam a ocorrência de agravos à saúde (Moreira et al., 2018).

Uma pesquisa realizada em uma instituição pública da região nordeste reportou que 33.3% dos entrevistados já haviam sido diagnosticados com alguma IST, com predomínio de HPV, sífilis e gonorreia (Gouveia et al., 2021). Já um estudo conduzido com 405 estudantes de enfermagem da Itália encontrou uma prevalência de IST de 10.3% (Santangelo et al., 2020).

Verificou-se associação entre atitude adequada e renda maior que três salários. Uma revisão integrativa demonstrou que os adultos jovens com baixa renda possuíam conhecimento incipiente sobre prevenção, transmissão e tratamento do HIV/aids, além de uso irregular dos preservativos. Sendo assim, o estrato econômico pode influenciar nas condutas de saúde de um indivíduo e torná-lo mais suscetível às IST (Mendes et al., 2017).

Adicionalmente, identificou-se associação entre atitude inadequada e procedência da capital. O fato de ser proveniente de um centro urbano proporciona um maior acesso às atividades de entretenimento, inserção em diferentes grupos sociais e aumento da rede de

relacionamentos, o que pode contribuir para a vivência precoce de experiências sexuais, além de atitudes incorretas (Elshiekh et al., 2020).

Constatou-se associação entre atitude adequada e sexo feminino. As mulheres geralmente têm maior frequência nos serviços de saúde, e isso pode auxiliar na aquisição de conhecimentos que repercutem em atitudes assertivas (Carvalho & Araújo, 2020). Uma investigação conduzida na região sudeste evidenciou que as mulheres procuravam assistência à saúde 1,9 vez mais quando comparadas aos homens (Levorato et al., 2014).

Quanto à prática inadequada, verificou-se associação com o relacionamento estável. Diferentes estudos nacionais e internacionais já evidenciaram que o uso do preservativo é menos frequente em pessoas com parcerias fixas (Campos-Rosa et al., 2018; Elshiekh et al., 2020; Oliveira et al., 2022; Petry et al., 2019; Ramos et al., 2020).

Um estudo brasileiro analisou o comportamento sexual de universitários e as práticas preventivas às IST. Os resultados demonstraram uma maior adesão ao preservativo em relações casuais, principalmente em situações que não se conhece adequadamente o parceiro. Sendo assim, foi evidenciado que a escolha pelo método preventivo dependia do tipo de parceria (Spindola et al., 2021a).

Nesse sentido, à medida que o relacionamento se torna estável, aumenta a crença de invulnerabilidade às IST, o que é constatado com a pouca adesão ao preservativo. Além disso, o uso do método preventivo pode ser relacionado, pelo outro, a relações extraconjugais, demonstrando os desafios para desmistificar conceitos e atuar na prevenção de casais (Guimarães et al., 2019).

Adicionalmente, a maioria dos participantes relatou vergonha e falta de interesse na aquisição dos preservativos gratuitos. Esses fatores constituem barreiras no processo de atenção à saúde, visto que a distribuição gratuita dos preservativos é uma importante estratégia para ampliar o acesso à prevenção e interromper a cadeia de transmissão do HIV/aids (Monteiro & Brigeiro, 2019).

No tocante aos motivos para o uso do preservativo, uma pesquisa conduzida com 40 acadêmicos de Enfermagem de Santa Catarina demonstrou que os estudantes julgavam o método necessário para prevenção de IST e gravidez não planejada (Petry et al., 2019). Um estudo delineado em uma instituição privada de ensino superior encontrou resultados semelhantes (Spindola et al., 2021b), o que vai ao encontro dos dados desta investigação.

Dentre os motivos para não uso do preservativo por casais, destacam-se a fidelidade no relacionamento e confiança na parceria. Além disso, a prevenção de gravidez não planejada é substituída por outros métodos contraceptivos, o que aumenta a vulnerabilidade do indivíduo às IST (Ramos et al., 2020; Moreira et al., 2018).

Outras razões são elencadas para o uso inconsistente dos preservativos, tais como: diminuição do prazer, não gostar de utilizar e não ter o insumo no momento da relação sexual (Gutierrez et al., 2019; Guimarães et al., 2019). Neste estudo, os fatores predominantes foram a parceria fixa e confiança no(a) companheiro(a).

Os resultados desta pesquisa reforçam a necessidade de articular ações educativas intersectoriais que abordem aspectos voltados a uma vida sexual saudável e prevenção às IST no público acadêmico. A educação em saúde é uma prática viável e de baixo custo para disseminação do conhecimento, o que possibilita ao indivíduo reflexão de suas práticas e autonomia no exercício do autocuidado (Ramos et al., 2020).

Este estudo tem como limitação o fato de ter sido desenvolvido em apenas uma instituição de ensino superior de Alagoas. Contudo, espera-se que os resultados desta investigação subsidiem o delineamento de estratégias de saúde para esse público.

Conclusão

A análise do conhecimento, da atitude e da prática dos universitários demonstrou que os fatores religião, realização de testes rápidos, diagnóstico de IST, renda familiar, procedência, sexo e relacionamento estiveram associados ao objeto de estudo, o que evidencia aspectos contribuintes da vulnerabilidade dos jovens às IST.

Embora perceba-se o conhecimento dos universitários sobre os preservativos, suas atitudes e práticas por vezes não foram adequadas. É preciso intensificar ações que englobam a integralidade da saúde sexual e reprodutiva a partir de orientações assertivas, além da construção de espaços de debates e reflexões sobre a temática.

Nesse sentido, a universidade pode desenvolver estratégias por meio de projetos de ensino, pesquisa e extensão que abordem a prevenção das IST, de modo a sensibilizar o aluno no âmbito de práticas mais seguras. Ademais, torna-se importante ampliar campanhas e testagens itinerantes no ambiente acadêmico, sendo imprescindível a articulação dessas ações com os serviços de saúde.

Espera-se que os conhecimentos gerados por este estudo ofereçam subsídios para aumentar o incentivo e planejamento de ações educativas e preventivas relacionadas à temática, que visem de forma clara e objetiva sensibilizar os estudantes a utilizarem diferentes métodos de prevenção.

Financiamento

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas (FAPEAL).

Referências

- Andrade, S. S. C. (2014). Mulheres solteiras e casadas e o uso do preservativo: O que sabem, pensam e praticam (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Brasil). https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/5145?locale=pt_BR
- Barbosa, K. F., Batista, A. P., Nacife, M. B. P. S. L., Vianna, V. N., Oliveira, W. W., Machado, E. L., Marinho, C. C., & Machado-Coelho, G. L. (2019). Fatores associados ao não uso de preservativo e prevalência de HIV, hepatites virais B e C e sífilis: Estudo transversal em comunidades rurais de Ouro Preto, Minas Gerais, entre 2014 e 2016. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 28(2). <https://doi.org/10.5123/s1679-49742019000200023>.
- Campos-Rosas, M., Castro-Pari, W., Torres-Romucho, Á., & Arizaca-Oblitas, M. (2018). Conocimientos, actitudes y prácticas frente al VIH – SIDA en estudiantes de una Universidad Nacional de Ica, 2017. *Revista Médica Panacea*, 7(1), 9–21. <https://revistas.unica.edu.pe/index.php/panacea/article/view/36/35>
- Carvalho, R. X. C., & Araújo, T. M. E. (2020). Conhecimentos, atitudes e práticas de adolescentes universitários sobre sífilis. *Revista de Saúde Pública*, 54, 1–13. <http://dx.doi.org/10.11606/s1518-8787.2020054002381>

- Chariglione, I. P. F. S. (2020). Conhecimento, atitude e prática: Conceitos e desafios na área de educação e saúde. *Revista Educação em Saúde*, 8(1), 190–198. <http://dx.doi.org/10.29237/2358-9868.2020v8i1.p190-198>
- Couto P. L. S., Paiva, M. S., Gomes, A. M. T., Boa Sorte, E. T., Rodrigues, L. S. A., & Coelho, E.A (2017). Significados a respeito da prevenção ao HIV/aids e da sexualidade para jovens católicos. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 38(4) 1–9. <http://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2017.04.2016-0080>
- Elshiekh, H. F., Hoving, C., & Vries, H. (2020). Exploring determinants of condom use among university students in Sudan. *Archives of Sexual Behavior*, 49(4), 1379–1391. <https://doi:10.1007/s10508-019-01564-2>
- Faustino, S. M., & D’Affonseca, S. M. (2021). Abordando gênero por meio de educação sexual para crianças e adolescentes: Um relato de experiência. *Revista Eletrônica de Educação*, 15. <http://dx.doi.org/10.14244/198271993649>
- Figuerêdo, K. E. G. (2009). Conhecimento, atitude e prática sobre o controle de dengue na área do PSF do bairro de São Francisco, município do Cabo de Santo Agostinho/PE (Trabalho de Conclusão de Curso. Instituto Aggeu Magalhães, Fundação Oswaldo Cruz, Recife, Brasil). <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/30535>
- Fonte, V. R. F., Spindola, T., Francisco, M. T. R., Sodrê, C. P., André, N. L. N. O., & Pinheiro, C. D. P. (2018). Jovens universitários e o conhecimento acerca das infecções sexualmente transmissíveis. *Escola Anna Nery*, 22(2), 1–7. <http://dx.doi.org/10.1590/2177-9465-ean-2017-0318>
- Gouveia, G. P. M., Alves, L. R., Oliveira, L. S. B., & Pereira, S. B. V. B. (2021). Prevalência de infecções sexualmente transmissíveis em universitários de uma instituição pública de Parnaíba. *Research, Society And Development*, 10(8), 1–12. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i8.17310>
- Gräf, D. D., Mesenburg, M. A., & Fassa, A.G. (2020). Comportamento sexual de risco e fatores associados em universitários de uma cidade do sul do Brasil. *Revista de Saúde Pública*, 54, 1–13. <http://dx.doi.org/10.11606/s1518-8787.2020054001709>
- Guimarães, D. A., Oliveira, V. C. P., Silva, L. C., Oliveira, C. A. M., Lima, R. A., & Gama, C. A. P. (2019). Dificuldades de utilização do preservativo masculino entre homens e mulheres: Uma experiência de rodas de conversa. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 24(1), 21–31. <https://dx.doi.org/10.22491/1678-4669.20190003>
- Gutierrez, E. B., Pinto, V. M., Basso, C. R., Spiassi, A. L., Lopes, M. E. B. R. & Barros, C. R. S. (2019). Fatores associados ao uso de preservativo em jovens – Inquérito de base populacional. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 22, 1–14. <http://dx.doi.org/10.1590/1980-549720190034>
- Levorato, C. D., Mello, L. M., Silva, A. S., & Nunes, A. A. (2014). Fatores associados à procura por serviços de saúde numa perspectiva relacional de gênero. *Ciência & Saúde Coletiva*, 19(4), 1263–1274. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232014194.01242013>
- Lima, R. C. R. O., Brito, A. D., Galvão, M. T. G., & Maia, I. C. V. L. (2022). Percepções de enfermeiros sobre aconselhamento e testagens rápidas para infecções sexualmente transmissíveis. *Revista Rene*, 23, 1–9. <https://doi.org/10.15253/2175-6783.20222371427>
- Maranhão, T. A., Gomes, K. R. O., Oliveira, D. C., & Moita Neto, J. M. (2017). Repercussão da iniciação sexual na vida sexual e reprodutiva de jovens de capital

- do Nordeste brasileiro. *Ciência & Saúde Coletiva*, 22(12), 4083–4094. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-812320172212.16232015>
- Melo, L. D., Spindola, T., Brandão, J. L., Taroco, F. E., & Fernandes, M. T. A. C. N. (2021). Prevenção de doenças sexualmente transmissíveis por universitários: Reflexões à luz da teoria do conhecimento de Henssen. *Research, Society and Development*, 10(2), 1–10. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i2.12735>
- Mendes, T. A., Souza, S. J. P., Stigar, R., & Burci, L. M. (2017). Conhecimento de adultos jovens sobre a prevenção, transmissão e tratamento do HIV/Aids. *Revista Gestão e Saúde*, 17(1), 20–28. <https://www.herrero.com.br/files/revista/file84e4255b21a87d49581217efecb6825c.pdf>
- Ministério da Saúde. (2016). Pesquisa de conhecimento, atitudes e práticas na população brasileira. <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2016/pesquisa-de-conhecimentos-atitudes-e-praticas-na-populacao-brasileira-pcap-2013>
- Ministério da Saúde. (2017). *Diretrizes para Organização do CTA no âmbito da Prevenção Combinada e nas Redes de Atenção à Saúde*. <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2017/diretrizes-para-organizacao-do-cta-no-ambito-da-prevencao-combinada-e-nas-redes-de-atencao>
- Ministério da Saúde.(2018). *Prevenção Combinada do HIV - Bases conceituais para profissionais trabalhadores(as) e gestores(as) de saúde*. <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2017/prevencao-combinada-do-hiv-bases-conceituais-para-profissionais-trabalhadoras-e-gestores>
- Ministério da Saúde. (2020a). *Prevenção Combinada do HIV*. <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2017/prevencao-combinada-do-hivbasesconceituais-para-profissionais-trabalhadoras-e-gestores>
- Ministério da Saúde. (2020b). *Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Atenção Integral às Pessoas com Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)*. <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2020/protocolo-clinico-e-diretrizes-terapeuticas-para-atencao-integral-pessoas-com-infeccoes>
- Molina, M. C. C., Stoppiglia, P. G. S., Martins, C. B. G., & Alencastro, L. C. S. (2015). Conhecimento de adolescentes do ensino médio quanto aos métodos contraceptivos. *O Mundo da Saúde*, 39(1), 1–10. https://bvsm.sau.gov.br/bvs/periodicos/mundo_saude_artigos/Conhecimento_adolescentes_ensino.pdf
- Monteiro, S., & Brigeiro, M. (2019). Prevenção do HIV/Aids em municípios da Baixada Fluminense, Rio de Janeiro, Brasil: Hiatos entre a política global atual e as respostas locais. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, 23, 1–15. <http://dx.doi.org/10.1590/interface.180410>
- Moreira, L. R., Dumith, S. C., & Paludo, S. S. (2018). Uso de preservativos na última relação sexual entre universitários: Quantos usam e quem são? *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(4), 1255–1266. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232018234.16492016>
- Nery, I. S.; Feitosa, J. J. M.; Sousa, A. F. L.; & Fernandes, A. C. N. (2015). Abordagem da sexualidade no diálogo entre pais e adolescentes. *Acta Paulista de Enfermagem*, 28(3). <https://doi.org/10.1590/1982-0194201500048>
- Nunes, B. K. G., Guerra, A. D. L., Silva, S. M., Guimarães, R. A., Souza, M. M., Teles, S.A., & Matos, M.A. (2017). O uso de preservativos: A realidade de adolescentes e adultos jovens

- de um assentamento urbano. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 19, 1–10. <http://dx.doi.org/10.5216/ree.v19.39041>
- Oliveira, B. I., Spindola, T., Melo, L. D., Marques, S. C., Moraes, P. C., & Costa, C. M. (2022). Factors influencing condom misuse from the perspective of young university students. *Revista de Enfermagem Referência*, 6(1), e21043. <https://doi.org/10.12707/RV21043>
- Oliveira, F. B. M., Queiroz, A. A. F. L. N., Sousa, A. F. L., Moura, M. E. B., & Reis, R. K. (2017). Orientação sexual e qualidade de vida de pessoas vivendo com HIV/aids. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 70(5). <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0420>
- Petry, S., Padilha, M. I., Kuhn, A. E., & Meirelles, B. H. S. (2019). Saberes de estudantes de enfermagem sobre a prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 72(5), 1145–1152. <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2017-080>
- Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (2016). HIV/AIDS, Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS Entenda a importância dos preservativos na resposta ao HIV. <https://unaid.org.br/2016/12/entenda-importancia-dos-preservativos-na-resposta-ao-hiv>
- Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (2021). HIV/AIDS, Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS. *Estatísticas globais sobre HIV*. <https://unaid.org.br/estatisticas/>
- Ramos, R. C. AL., Spindola, T., Oliveira, C. S. R., Martins, E. R.C., Lima, G. S. F., & Araujo, A. S. B. (2020). Práticas de prevenção de infecções sexualmente transmissíveis entre estudantes universitários. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 29, 1–13, 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/1980-265x-tce-2019-0006>
- Rodrigues, B. (2017). Diversidade sexual, gênero e inclusão escolar. *Revista Brasileira de Educação Básica*, 2(6). <https://pensaraeducacao.com.br/rbeducacaobasica/wpcontent/uploads/sites/5/2019/07/03-DIVERSIDADE-SEXUAL-G%C3%8ANERO-EINCLUS%C3%83O-ESCOLAR.pdf>
- Rowley J., Hoorn, V. S., Korenromp, E., Low, N., Unemo, M., Abu-Raddad, L. J., Chico, R. M., Smolak, A., Newman, L., Gottlieb, S., Thwin, S. S., Broutet, N., & Taylor, M. M (2019). Chlamydia, gonorrhoea, trichomoniasis and syphilis: Global prevalence and incidence estimates. *Bulletin Of The World Health Organization*, 97(8), 548–562. <http://dx.doi.org/10.2471/blt.18.228486>
- Santangelo, O. E., Provenzano, S., Grigis, D., Terranova, A., D’anna, G., Armetta, F., Giordano, D., Gianfredi, V., & Firenze, A. (2020). Why nursing students have sex without condom? A study in the university of Palermo. *La Clinica Terapeutica*, 171(2), 130–136. <http://dx.doi.org/10.7417/CT.2020.2202>.
- Spindola, T., Santana, R. S. C., Costa, C. M. A., Martins, E. R. C., Moerbeck, N. T., & Abreu, T. O. (2020). Não vai acontecer: Percepção de universitários sobre práticas sexuais e vulnerabilidade às infecções sexualmente transmissíveis. *Revista Enfermagem Uerj*, 28, 1–7. <http://dx.doi.org/10.12957/reuerj.2020.49912>
- Spindola, T., Santana, R. S. C., Antunes, R. F., Machado, Y. Y., & Moraes, P. C. (2021a). A prevenção das infecções sexualmente transmissíveis nos roteiros sexuais de jovens: Diferenças segundo o gênero. *Ciência e Saúde Coletiva*, 26(7), 2683–2021. <https://www.scielo.org/pdf/csc/2021.v26n7/2683-2692/pt>

- Spindola, T. et al. (2021b). A prevenção das infecções sexualmente transmissíveis nos roteiros sexuais de jovens: Diferenças segundo o gênero. *Ciência & Saúde Coletiva*, 26(7), 2683–2692. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232021267.08282021>
- Vinuto, J. (2014). A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: Um debate em aberto. *Tematicas*, 22(44), 203–220.

Recebido em: 22/07/2022

Última revisão: 22/11/2022

Aceite final: 16/12/2022

Sobre os autores:

Anderson da Silva Moreira: Mestrando em Enfermagem pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Enfermeiro pela Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL). **E-mail:** anderson.moreira@eenf.ufal.br, **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0003-1961-6262>

Julya Thereza dos Santos Paixão: Enfermeira pela Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL). **E-mail:** julyathereza25@hotmail.com, **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0001-7562-7017>

Géssyca Cavalcante de Melo: Doutora em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Professora da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL). **E-mail:** gessyca.melo@uncisal.edu.br, **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0002-6774-857X>